

Bin Laden leu Mao corretamente?

Did Bin Laden Read Mao Correctly?

Resumo: A Guerra Global contra o Terror tem consumido uma grande quantidade de recursos estadunidenses desde 2001. Operando no Iraque e no Afeganistão há quase duas décadas, os EUA têm até agora falhado na elaboração de um plano para o término da guerra no Oriente Médio. Isso levanta a questão se a estratégia da Al Qaeda – juntamente com movimentos associados – e operações relacionadas têm sido bem-sucedidas, ou não, desde que a guerra foi declarada aos Estados Unidos. Para responder a essa pergunta, comparamos elementos dos planos e ações da Al Qaeda com a teoria de Mao Tse-Tung sobre como realizar uma guerra prolongada em três fases. Ao fazer isso, pareceu razoável afirmar que a Al Qaeda, embora bastante bem-sucedida na implementação de sua fase 1, não conseguiu desenvolver seu próprio exército e assim lidar com as fases 2 e 3. Também observamos que tanto a Al Qaeda quanto o movimento associado chamado Al Qaeda no Iraque não reavaliaram oportunamente suas estratégias fracassadas.

Palavras-chave: Guerra prolongada. Al Qaeda. Zarqawi. Insurgência. Oriente Médio.

Abstract: The Global War on Terror has consumed a great deal of American resources since 2001. Operating within Iraq and Afghanistan for almost two decades, the US has failed so far to put together a plan for war termination in the Middle East. This raises the question of whether, or not, al Qaeda's – along with associated movements' – strategy and related operations have been successful since war was declared on the United States. To respond to the question, we compared elements of al Qaeda's plans and actions with Mao Zedong's theory on how to carry out a protracted war in three stages. By doing so, it sounded reasonable to state that al Qaeda, although fairly successful in implementing its stage 1, failed to evolve its own army-like to deal with stages 2 and 3. It was also observed that neither al Qaeda nor al Qaeda in Iraq have timely reassessed their failing strategy.

Keywords: Protracted war. Al Qaeda. Zarqawi. Insurgency. Middle East.

Carlos Eduardo Macedo 
Marinha do Brasil. Escola de Guerra Naval.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
carloermacedo@yahoo.com.br

Recebido: 24 maio 2020

Aprovado: 11 set. 2020

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

1 Introdução

Foi no já distante ano de 2001, quando os Estados Unidos da América (EUA) entraram na Guerra Global contra o Terror (GGT). Naquela época, diante do clamor do povo estadunidense com o episódio de 11 de setembro (11/9), isso parecia não apenas a coisa certa a fazer, mas a única resposta imaginável a ser dada. Porém, o que hoje se vê é uma intervenção de duas décadas da qual os EUA têm encontrado grande dificuldade de sair com a sensação de missão cumprida. O estabelecimento de objetivos políticos inalcançáveis, sendo o mais notável “evitar qualquer ato futuro de terrorismo internacional contra os EUA” (UNITED STATES, 2001, tradução nossa), pode ter contribuído para essa armadilha. A realidade é que os EUA continuam no esforço de elaborar um plano para terminar a guerra. Mesmo com os dois últimos presidentes – Barack Obama (1961-) e Donald Trump (1946-) – afirmando a necessidade de sair do cenário do Oriente Médio a fim de respectivamente deslocar a prioridade de segurança para o leste asiático (CLINTON, 2011) e encarar a concorrência de quase pares, relativamente à China e à Rússia (UNITED STATES, 2017, p. 26, tradução nossa).

Com tudo isso, podemos ser levados a afirmar que as organizações terroristas, nomeadamente a Al Qaeda (AQ) e os movimentos a ela associados (MA), têm obtido sucesso com sua estratégia geral e operações relacionadas desde que declararam guerra contra os EUA. Entretanto, se considerarmos que seu objetivo final era a congregação política de toda a Ummah em um novo estado semelhante a um Califado – o que inclui se livrar de apóstatas locais e da influência estrangeira –, o seu Master Plan, sua estratégia, conforme foi nomeada no livro de Brian Fishman (2016), ainda está longe de se transformar em realidade. Assim, parece ser uma conclusão razoável a de que a mal sucedida GGT estadunidense não se deve necessariamente a uma estratégia efetiva no lado da AQ/MA. Sendo assim, propomos que a estratégia geral e as operações da AQ/MA, embora tenham chamado a atenção do mundo com resultados impressionantes logo após os primeiros passos, não foram totalmente eficazes desde que a guerra contra os EUA foi declarada em 1998¹, após a promulgação da fátua que instituiu a “*jihad* contra judeus e cruzados” (BIN LADEN et al., 1998).

O argumento da nossa afirmação surgiu após compararmos as facetas do equilíbrio entre “fins, métodos e meios” dos grupos terroristas com a teoria de inspiração maoísta sobre como conduzir uma insurgência baseada nas “três fases de uma guerra prolongada”. Embora a Segunda Frente Unida de Mao Tse-Tung (1893-1976) e a AQ/MA estejam separados por um período de 60 anos, e não haja nenhuma afirmação formal da AQ de que o grupo seguiu os passos de Mao, tal comparação parece ter credibilidade. Afinal, os dois movimentos foram direcionados contra um poder imperial “invasor”, sem que ambos fossem o legítimo (ou único) grupo contestador local, sem que ocupassem um território soberano próprio e sem que tivessem influência direta ou apoio de um grupo de pessoas. O Partido Comunista de Mao iniciou a guerra prolongada contra o Japão ao mesmo tempo em que competia com o *Kuomintang* pela

1 Inúmeras fontes postulam que a guerra na verdade foi declarada pela fátua de 1996 (agosto). Para este artigo, consideramos que a fátua de 1996 foi como um despertar público da Al Qaeda chamando a atenção não apenas do mundo islâmico, mas também dos EUA. Duas características da fátua de 1998 justificam nossa escolha como a verdadeira referência para declarar guerra aos EUA: a) foi assinada por outros atores além do próprio Bin Laden, e b) foi de fato prosseguida por atos de guerra: os ataques em Nairóbi e Dar es Salaam.

legitimidade interna dentro da China (ZEDONG, 1967, p. 43). Analogamente ao exemplo mais antigo, a AQ, longe de ser o único e incontestável movimento da *jihad* no Oriente Médio e sem controlar nenhum território, proclamou uma guerra contra os “invasores” estadunidenses. De acordo com o plano do grupo terrorista, a recriação do Califado Islâmico, seu objetivo final, só seria possível após a eliminação da presença dos EUA na área.

Utilizando a estratégia de Mao – as três fases da guerra prolongada – como um marco teórico, as próximas seções deste artigo irão detalhar como, independentemente das realizações proeminentes da AQ/MA, especialmente durante a fase 1, o *modus operandi* da AQ/MA – ou seja, como eles combinam meios e métodos – não contribuiu plenamente para a realização do objetivo político final, como originalmente projetado por seu líder Osama bin Laden (1957-2011). Pelo menos, não até sua morte em 2011². Antecipando a conclusão deste trabalho, mostraremos, a partir da seção 3, que a AQ teve resultado apenas satisfatório na fase 1 e não conseguiu implementar, apropriadamente, as duas fases restantes. A razão pela qual, nem mesmo na fase 1, a AQ/AM foi totalmente triunfante é que seu principal erro foi não ter sido capaz de formar sua própria guerrilha/exército para executar o restante da estratégia do grupo. Assim, o grupo terrorista não foi capaz de capitalizar sobre o sucesso das ações realizadas durante a fase 1, e o resultado foi que a fase 2 foi implementada de modo deficiente e quase nada relativo à fase 3 foi levado a cabo. Abordamos isso mais profundamente na seção 4. Ademais, a AQ/MA negligenciou outro tópico da “receita” de Mao, falhando em reavaliar oportunamente os resultados dos contratempos sofridos por eles. Com isso, falharam também na transição do tipo “avança e recua” de uma fase para outra, o que seria um “procedimento” esperado para um movimento insurgente apoiado em uma reavaliação sólida. A seção 5 trata desse assunto indicando que isso foi uma das principais características do esquema de guerra bem-sucedido do Vietnã do Norte. Antes de tudo isso, discutiremos na próxima seção as três fases maoístas de uma guerra prolongada, de forma a solidificar nossa tese.

2 “Sobre a guerra prolongada”

Como foi dito anteriormente, a AQ nunca alegou ser realmente um grupo de inspiração maoísta. De fato, pode-se argumentar que este rótulo se encaixa muito melhor no Talibã do que na AQ. Entretanto, existem autores, como Daniel Byman (2006), que estudaram a AQ e outros grupos terroristas e postulam que não há um corte claro entre a insurgência e o terrorismo. Segundo eles, o último pode ser uma forma suplementar e expedita para que a primeira atinja seus fins. Embora a guerrilha seja notavelmente a forma preferida de uma insurgência, Byman encontra eco em Michael Gross (2014), que afirma que o terrorismo não pode ser descartado como método no conjunto de opções de uma insurgência. Principalmente quando apenas a característica de perenidade das ações não parece ser suficiente; e passa a ser necessário colocar a natureza do terrorismo a serviço da urgência em coagir – compelir – o poder em exercício a ceder algo. Com tudo isso em mente e considerando que Mao Tse-Tung

² Como este caso tem repercussões que ainda estão acontecendo no presente momento, este artigo se concentra no período em que Bin Laden ainda estava vivo e, presumivelmente, na AQ.

é a principal referência em insurgências, sua receita para uma guerra prolongada foi escolhida como base teórica para examinar a estratégia da AQ/MA.

A estratégia clássica no mundo ocidental é profundamente influenciada por alguns dos escritos do teórico prussiano Carl von Clausewitz (1780-1831), pelo menos em termos de guerra convencional. Entre suas famosas declarações, duas ainda são fundamentais para o ensino da estratégia e da arte operacional nas escolas militares do ocidente: “a guerra é apenas a continuação da política por outros meios” (CLAUSEWITZ, 1989, p. 87); e a definição da “trindade paradoxal” que, segundo Glascott (2017), traduz o caos da guerra devido à tensão entre governo, poder militar e povo. Pela frase transcrita, podemos entender que, embora a guerra constitua os “outros meios” de conduzir a política, ainda assim é algo diferente, com sua própria dinâmica. Os objetivos militares devem, de fato, contribuir para alcançar metas políticas, mas, na visão clausewitziana, a política permanece nos bastidores enquanto os movimentos militares avançam no campo. A política (o governo) deve aparecer apenas para, enquanto ator que representa a razoabilidade da trindade, aproveitar os resultados militares. Em resumo, Clausewitz não indicou que a política e os militares devam seguir lado a lado; cada um, embora consciente da importância do outro, deve seguir sua própria lógica.

Quanto à trindade caótica, uma interpretação possível é que ela deriva de diferentes papéis, com tendências opostas, desempenhados pelas três seções da máquina de guerra do estado: o governo, os militares e o povo. Três cavalos livres para vaguear, como a metáfora escrita por Glascott (2017). Para compensar isso, uma estratégia consistente “mantém um **equilíbrio** entre essas três tendências, como um objeto suspenso entre três ímãs” (CLAUSEWITZ, 1989, p. 90, nossa ênfase). Como resultado, a cultura militar ocidental tende a respeitar a separação dos papéis do governo, dos militares e das pessoas. Idealmente, os governos devem razoavelmente conduzir o esforço geral da guerra; os planejadores militares devem, não apenas ser meticolosos e menos vulneráveis ao jogo do acaso, mas também demonstrar grande adaptabilidade (“espírito criativo”) durante a guerra; a paixão do povo deve ser explorada para convencer as pessoas a transformarem ódio em vontade de lutar e a se permitirem converter em forças de combate e meios de produção para a guerra total.

Entretanto, é difícil seguir essa receita ao empreender a guerra na qualidade de um movimento insurgente. Ainda não existe um Estado e um exército formais. Por causa disso, Mao Tsé-tung, embora não tenha excluído Clausewitz, acomodou a trindade e a relação entre guerra e política à sua maneira. Primeiro, misturando e combinando elementos de política e guerra, o que resulta em um dualismo de luta política e conflito armado ao mesmo tempo. Somente “o casamento da violência com a política” (PIKE, 1986, p. 216-217) pode trazer a vitória. Portanto, diferente do que se afirmou nos parágrafos anteriores, de acordo com Mao, a política não simplesmente espera por resultados militares para capitalizá-los. Eles estão todos associados. Em segundo lugar, e como corolário da frase anterior, a separação entre governo, militares e pessoas não é clara. Como não há um segmento militar específico, os líderes políticos são os próprios generais; e o povo não é apenas mão-de-obra, uma força de produção com participação indireta na guerra, mas sim um exército sem alistamento formal. O povo é um instrumento de guerra em si mesmo (PIKE, 1986, p. 220).

Dito isso, uma insurgência precisa trabalhar com o tempo a seu favor. Com o passar do tempo, o exército informal e os escalões inferiores da política acabarão se fundindo em um exército regular. As insurgências, portanto, precisam travar uma guerra prolongada. Para isso, Mao (ZEDONG, 1967, p. 34-40) previu três fases, iniciando a primeira com o apoio da sociedade periférica eminentemente rural. A primeira fase não pretende ser decisiva, mas manter o movimento em territórios periféricos, construindo não apenas sistemas de subsistência e de comunicação, mas também a ideia de um mito em torno da ideologia e de seu “profeta”. Tudo isso para isolar o campo do controle do estado formal ao mesmo tempo em que se concretiza uma estratégia de “corações e mentes”. O movimento que caracteriza a primeira fase deve ser implementado com base no banditismo, emboscadas e guerrilha rural; não em ações militares regulares, mesmo porque o corpo de soldados organizado ainda não está disponível. Paradoxalmente, é uma fase estrategicamente defensiva, já que não há força física para enfrentar um exército regular. Somente quando houver áreas suficientes e um grupo armado forjado e treinado, a fase 1 pode passar ao nível seguinte. Não antes de uma notável demonstração de força para atrair a resposta do estado vigente.

A fase dois se dá quando a insurgência precisa superar um impasse estratégico imposto pelas forças regulares ao interporem sua resposta. Torna-se, portanto uma guerra convencional de atrição em pequena escala, na qual os espaços ganhos na fase anterior devem ser consolidados. Nesse período, a política deve sair de trás das cortinas e a dimensão informacional da guerra ganha predominância. A insurgência atrai a percepção de guerra oficial contra o *status-quo*. Assim, é um período perigoso para os insurgentes, já que eles não gozam mais do anonimato. Após sobreviver à primeira metade desta fase, é hora de acelerar e intensificar a guerra, levando-a a outras áreas e aumentando a velocidade para sangrar o inimigo. A insurgência deve manter essa intensidade e ritmo até que o grupo esteja pronto para lançar a terceira fase, caracterizada por batalhas decisivas de caráter ofensivo, levada a cabo por um exército regular e institucionalizado.

Após detalhar as três fases de uma guerra prolongada, podemos prosseguir com nossa análise da estratégia e das operações da AQ/MA. Primeiramente reconhecemos que terrorismo e insurgência não são a mesma coisa. A seleção de alvos é uma das principais diferenças entre eles (DASGUPTA, 2002). Ambos, porém, se enquadram no conceito de constituir um movimento que usa a violência política como meio de guerra assimétrica. Dessa forma, não há grande obstáculo para realizar a comparação que propusemos. E se, na época de Mao, o terrorismo fosse um meio de guerra formalmente conceituado, é razoável supor que Mao houvesse reservado algumas páginas para acomodar o terror organizado em sua teoria. Com base nisso, a próxima seção argumenta que a primeira fase da AQ/MA foi razoavelmente bem sucedida.

3 Um início profícuo

Na sequência da retirada soviética do Afeganistão (1988), muito antes de emitir sua fátua contra os EUA em 1998, Bin Laden deu início à organização da AQ. Em geral, isso se deu de maneira discreta. Mesmo o envolvimento da AQ em alguns eventos na primeira metade dos anos 1990, todos eles de alguma forma contra os EUA, foi de menor notoriedade sem que o

grupo reivindicasse responsabilidade formal sobre eles. Foi apenas *o relatório da Comissão do 11/9* (UNITED STATES, 2004, p. 59-60, tradução nossa) que confirmou a participação da AQ no treinamento dos *warlords* que combatiam as forças dos EUA na Somália, em 1993; em um ataque a uma instalação conjunta EUA-Arábia Saudita em Riad, em 1995; e na tentativa de atacar o World Trade Center, em 1993.

Evitando qualquer papel protagonista inicial entre outros movimentos *jihadistas* e “aceitando” a expatriação imposta pelo governo saudita (1992), Bin Laden usou o discreto Sudão para estabelecer seu esconderijo e base inicial de operações. Foi também a partir daí que ele lançou sua “Rede de Ouro”,

uma organização cada vez mais complexa, quase mundial, [que] incluiu uma rede de apoio financeiro [à luta *mujabidin* no Afeganistão] formada principalmente por financiadores da Arábia Saudita e dos estados do Golfo Pérsico, [por meio da qual] doações fluíram através de instituições de caridade ou outras organizações não governamentais (ONGs) (UNITED STATES, 2010, p. 55, tradução nossa).

O país anfitrião era usado para, simultaneamente, fazer-se lavagem de dinheiro e alavancar a riqueza de Bin Laden, gerando-se uma economia autossustentável destinada a tornar viável a *jihad* imaginada (BERGEN; CRUICKSHANK, 2011). Mais importante ainda, os mesmos autores propõem que Bin Laden concentrou-se no fortalecimento da legitimidade da AQ entre outros movimentos *jihadistas*. Ele realizou ações para apoiar o governo Talibã no Afeganistão; manteve e melhorou campos de treinamento militar; financiou movimentos semelhantes à AQ; e moldou sua mensagem para conseguir a mobilização das pessoas comuns.

Embora neste artigo estejamos focados principalmente no que aconteceu após 1998, a análise dos primeiros anos da AQ é de fundamental importância ao abordar a questão que propusemos sobre a eficácia de sua estratégia. No conjunto, movimentos preparatórios e ações ofensivas isoladas antes da fátua de 1998 foram a materialização de uma parte inicial bem orquestrada da primeira fase, em uma guerra prolongada do tipo maoísta. Sem a sólida preparação, que culminou com a consolidação da influência da AQ, poderíamos duvidar de que a própria fátua seria publicada. Foi pelo fato de a AQ operar nas sombras enquanto construía suas fundações que o resto da fase 1 pôde ser implementada, culminando com o 11/9. Se a mensagem não houvesse sido moldada para ganhar apoio clerical, ela não teria reverberado nas mesquitas e escolas religiosas. Assim, “corações e mentes” no mundo sunita não teriam sido conquistados de forma a aceitar a morte não só de *mujabidines*, mas também de muçulmanos inocentes nos ataques iniciais. Quanto ao desenvolvimento de sua liderança em relação a outros grupos *jihadistas*, a AQ ganhou o papel de protagonista, pois forneceu número considerável de combatentes para as lutas muçulmanas que ocorreram no Tajiquistão, Chechênia e Caxemira (UNITED STATES, 2004, p. 64, tradução nossa). Além de construir legitimidade, o envolvimento dos combatentes da AQ – geralmente treinados nos campos do Paquistão e Afeganistão – em insurgências da época era igualmente relevante para melhorar a experiência dos homens, que acabariam sendo empregados em fases posteriores da prolongada guerra da AQ contra os EUA.

O crescimento do grupo finalmente fez com que o Sudão se tornasse um refúgio duvidoso. Alguns podem dizer que a mudança para o Afeganistão em 1996 atrasou as operações futuras (UNITED STATES, 2010, p. 55, tradução nossa), e isto não parece ser totalmente incorreto. Especialmente quando lembramos que, conforme já comentado na nota de rodapé 1, a fátua de 1996 acabou sendo mais propaganda do que uma declaração substancial de guerra aos EUA. Entretanto, a fundação da AQ foi suficientemente sólida para evitar comprometer a estratégia como um todo. Dito isso, após a divulgação da fátua de 1998, o restante da estratégia do grupo seguiu o planejado para o *grand finale* da fase 1, o qual mostrou uma escalada militar somente possível para um *jihadi* muito bem treinado e preparado. Primeiramente executando um ataque terrestre, a AQ atingiu o *poder diplomático* dos EUA com a explosão das embaixadas em Nairobi e Dar es Salaam, em 1998. A escolha [o alvo] seguinte foi direcionada a um meio do *poderio militar* dos EUA, e o USS Cole foi atacado por uma arma naval em 2000. Finalmente, o 11/9 mostrou a capacidade da AQ em executar um “ataque aéreo” à sua maneira e uma peça icônica do *poder econômico* estadunidense (e também uma mostra de seu soft power – parte da famosa linha cinematográfica de NYC) foi derrubada, enquanto o centro do *poder político* (Washington, DC) também foi atacado. De fato, a escalada dos acontecimentos mostrou que a AQ foi capaz de atuar em todos os ambientes operacionais (terra, mar e ar) e atacar diferentes expressões do poder nacional estadunidense (diplomático, político, psicossocial - *soft Power* -, econômico e militar). Mais do que isso, a escalada culminou com um ataque ao solo estadunidense, o que não acontecia desde a Segunda Guerra Mundial³, e provocou a resposta materializada pela GGT liderada pelos estadunidenses, ou seja, o início da fase 2 para o propósito deste artigo.

Antes de concluirmos esta seção, é conveniente reconhecer que algumas das características da AQ aqui descritas não correspondem perfeitamente à descrição original da fase 1 de Mao. Em nossa opinião, entretanto, as diferenças entre as ações da AQ e a teoria maoísta mais se assemelham ao ditado popular “a história não se repete, mas muitas vezes se reinventa de forma semelhante”⁴ do que invalida suas semelhanças. Dito isso, alguns desencontros notáveis entre as duas estratégias em suas fases iniciais podem ser interpretados como uma adaptação realizada pela AQ para enfrentar as singularidades do novo ambiente estratégico. Por exemplo, ainda que não houvesse indicação de Mao de que a luta deveria ser expandida fora do país alvo, devemos considerar que a ocupação japonesa na China era “mais forte” do que é a estadunidense no Oriente Médio; os japoneses, então, ofereciam alvos muito mais óbvios dentro da China, do que os EUA dentro do objetivo geográfico da AQ. Da mesma forma, embora nos escritos de Mao não houvesse uma prescrição para buscar abrigo no exterior nem para trazer pessoas estrangeiras à luta, dois aspectos precisam ser considerados: o tamanho continental da China comparado aos países do Oriente Médio; e o caráter nacionalista [e ideológico] da luta chinesa em comparação ao impulso religioso da AQ. O enorme tamanho da China forneceu a Mao vários esconderijos e espaços de manobra que não estavam disponíveis no Oriente Médio para Bin Laden. Por outro lado, a inspiração religiosa da luta da AQ permitiu que o grupo atraísse combatentes estrangeiros, ao passo que o caráter da luta maoísta não se destinava a usar o apoio direto de estrangeiros.

3 Ainda assim, o ataque a Pearl Harbor aconteceu em um território (não um estado formal) fora dos EUA continental.

4 Expressão estadunidense normalmente atribuída a Mark Twain (sem evidência), no original “*History doesn't repeat itself, but it often rhymes*”.

Conclusivamente, nem mesmo as diferenças entre a frente unida na China e a AQ impedem que possam ser vistos como fenômenos equivalentes. Em suma, existem semelhanças suficientes, sendo as seguintes as mais fáceis de identificar: a busca por protagonismo e consolidação do poder, o aspecto informacional (propaganda – a fátua de 1996 como exemplo), e a tentativa de evitar a luta militar direta contra o alvo. Olhando para estas características semelhantes, a AQ foi de fato bem sucedida na condução de sua fase 1.

4 Aceleração inapropriada nas fases seguintes

O inimigo tentará defender as regiões ocupadas e transformá-las em áreas suas, para o que usará o método ilegítimo de forjar governos fantoches (ZEDONG, 1967, p. 55, tradução nossa).

A transcrição acima chama a atenção para a resposta do estado vigente ao recrudescimento de uma insurgência. Devido às diferenças que descrevemos anteriormente em relação às estratégias de Mao e Bin Laden, especialmente o fato de que não havia um estado incumbente específico, a resposta estadunidense, após o 11/9, foi particular. Diferentemente do Japão, que já estava ocupando a China quando a fase 2 chinesa iniciou, os EUA declararam formalmente a GGT e iniciaram uma intervenção mais direta no Oriente Médio. Assim, a resposta dos estadunidenses à AQ foi “mais forte” do que a dos japoneses na China.

Essa diferença na resposta do alvo, no entanto, não exige necessariamente uma mudança do lado dos insurgentes por ocasião da implementação de sua fase 2. Não há eliminação da necessidade de que a insurgência esteja preparada para sobreviver a um impasse estratégico contra um inimigo que ainda é militarmente mais forte e capaz de se manter ostensivamente (principais cidades) com o apoio de governos escolhidos localmente. É por isso que Mao propõe que a fase 2 seja marcada pela capacidade da insurgência em melhorar sua posição e prolongar, o máximo possível, o impasse estratégico. Ao fazer isso, o lado mais forte eventualmente diminuiria seu poder devido a alguns fatos que levariam ao “declínio do moral das tropas [e] o descontentamento popular no seu próprio país” (ZEDONG, 1967, p. 57). Além disso, Mao (ZEDONG, 1967, p. 55) sugere que prolongar esta segunda fase, ao mesmo tempo em que permitiria resistir a “suas dificuldades” intrínsecas (o inimigo ainda é claramente superior), também serviria para esperar que a situação internacional (opinião) mude em favor da insurgência. É imperativo, no entanto, estar preparado com um mínimo de força militar organizada. Mesmo que a guerrilha ainda prevaleça nessa fase, não é mais suficiente apenas operar na retaguarda profunda do inimigo, pois os confrontos diretos na frente de batalha inevitavelmente surgirão.

Esta fase, portanto, seria a mais peculiar em uma guerra prolongada. De fato, ela não é apenas defensiva ou simplesmente ofensiva. Ela deve combinar linhas de operação convencionais e assimétricas para cumprir uma estratégia na qual não há uma separação distinta entre ataque e defesa. É também a mais decisiva; não porque busca batalhas finais, mas porque sangra lentamente o inimigo ao ponto de acabar mudando o equilíbrio de forças. Finalmente, a professora Paine (2012, p. 237) adverte sobre o perigo de evoluir da fase 1 para a 2; de operações de pequeno vulto,

percebidas mesmo como mero banditismo, para o flagrante reconhecimento da ameaça emergente. No início dessa fase, o inimigo ainda é mais forte e “a força de vontade por si só não pode derrotar as armas modernas” (PAINE, 2012, p. 139). Assim, a transição da fase 1 só é recomendada depois que uma massa crítica de combatentes é formada pelo amálgama da insurgência e da sociedade local. Combinando tudo isso – a distinção, a importância e a dificuldade da fase 2 –, o resultado é que a insurgência deve considerar sabiamente se está pronta, ou não, para levar a cabo o emblemático último ato da fase 1. Como discutido anteriormente, é provável que este ato provoque uma resposta em grande escala do inimigo, contra a qual a insurgência deverá ser capaz de defender os espaços conquistados. O corolário é que o grande evento [final] da fase 1 só deverá ser perpetrado quando a luta já houver beneficiado suficientemente os insurgentes durante essa mesma fase. Em resumo, e usando termos maoístas, uma vez que “atrair o inimigo em profundidade” em seu próprio terreno (ZEDONG, 1967, p. 32) é uma nova realidade da insurgência (fase 2), é necessário que esta disponha de força militar suficiente – mesmo que ainda não esteja perfeitamente organizada como tal – para enfrentar a resistência do inimigo. Falhar nesta fase significa, muito provavelmente, não ser capaz de atingir os objetivos finais e, em última instância, falhar como insurgência.

Dito isso, é digno de nota que a AQ, o primeiro grupo a levar a *jihad* ao “inimigo distante”⁵ (FISHMAN, 2016, p. 12), desfrutando de resultados relevantes em sua fase 1, não estava pronto para a resposta estadunidense. Confiando fortemente no Talibã, a AQ não foi capaz de resistir nem mesmo ao primeiro golpe. O Talibã sempre manteve uma liderança contestada e apenas tênue no Afeganistão. Aproveitando-se disso, a coalizão entre os EUA e a Aliança do Norte, que realizou avanços impressionantes junto com os ataques aéreos estadunidenses, fez com que o Talibã fosse dissolvido. Isso representou o fim do paraíso da AQ na cordilheira do Hindu Kush. Sem quase nenhuma luta, Bin Laden fugiu para o Paquistão (BARFIELD, 2010, p. 269-270).

A segunda chance da AQ para uma guerra prolongada contra os EUA foi aberta no Iraque em 2003/04, após a derrubada do regime de Saddam Hussein. O tumulto político e a agitação social foram avaliados pela AQ como uma oportunidade de deixar o inimigo ocidental preso em sua própria escolha de conduzir uma guerra ilimitada com um apoio diminuído de seus aliados e uma menor aprovação de seu público interno. A oportunidade de criar um impasse estratégico no “coração do mundo árabe” (FISHMAN, 2016, p. 22) surgiu para a AQ em um momento em que o grupo não estava totalmente preparado para isso. Abrir uma nova frente no Iraque era uma questão de disponibilidade de um exército relativamente organizado, o qual, novamente, como no Afeganistão, em 2001, não estava disponível.

Para superar isso, a AQ decidiu, apesar de alguma resistência interna, franquear a marca ao grupo de Abu Zarqawi (1966-2006) e alguns dissidentes do desaparecido Partido Baath, fundindo-os todos na Al Qaeda no Iraque (AQI) em agosto de 2004. Esta abordagem oportunista da AQ revelou o mesmo *modus operandi* da guerra no Afeganistão. Novamente, a AQ tentava controlar as operações a partir do exterior, confiando em um terceiro *jibadi*. Dessa vez com o agravante representado pelo apoio de uma colcha de retalhos de forças Baath-nacionalistas, cuja participação complicou ainda mais a definição de objetivos unificados. Pelo menos, houve uma

5 Todos os movimentos jihadistas anteriores se concentraram apenas em seus “inimigos próximos”, governos “apóstatas” financiados pelos EUA, de acordo com eles próprios. Até alguns dos grupos contemporâneos se opuseram à ideia da AQ de alcançar o “inimigo distante”. Isto acabaria provocando uma resposta para a qual a AQ não estava preparada (FISHMAN, 2016, p. 12).

nuance que acompanhou a prescrição maoísta para a fase 2: Bin Laden introduziu a peça diplomática no confronto, com seu discurso em outubro de 2004 em que mostrou uma clara tentativa de não apenas corromper a legitimidade estadunidense na invasão do Iraque, mas também quebrar a coalizão em torno dos EUA (BIN LADEN, 2004).

O esforço diplomático logo se tornou inútil. As ações da AQI, apesar de inicialmente bem sucedidas, sendo capazes de capitalizar sobre as terríveis repercussões sociais do vácuo de poder deixado no Iraque após a intervenção estadunidense, frustraram rapidamente as expectativas da campanha informacional da AQ. No fim das contas, não houve nenhuma correspondência entre o plano da AQ e a estratégia de curto prazo de Zarqawi – ou simplesmente um plano baseado em ações sem obediência a estratégia alguma. A abordagem visceral de Zarqawi à Sharia (FISHMAN, 2016, p. 44) transformou a luta – e a matança indiscriminada – em um objetivo em si mesmo. Isto, por si só, maculou a mensagem da AQ. Para complicar, não havia muita coisa que o sistema primitivo de comando e controle (C2) entre a AQ, no Paquistão, e suas afiliadas, no Iraque, pudesse fazer para parar o horrível show de execuções. Como o C2 se baseava em mensageiros que traziam cartas de lado a lado, este foi ineficaz em levar à AQI a mensagem de que “a política deve ser dominante sobre o militarismo” (FISHMAN, 2016, p. 77).

O efeito, além de comprometer a legitimidade da AQI como o principal combatente de um invasor estrangeiro, também arruinou a base de apoio da AQI dentro do Iraque e tornou as futuras operações no país quase inviáveis. Em resumo, a AQI começou a receber o repúdio clerical, inclusive de Abu Maqdisi (1959-), antigo mentor de Zarqawi (FISHMAN, 2016, p. 62-67). Não só a violência extrema contribuiu para isso. Dois outros eventos contribuíram bastante nesse sentido: primeiro, o emprego de estudiosos e de não combatentes na linha de frente de defesa na cidade de Faluja; e segundo, o ativismo excessivo da AQI que culminou com a violência e a matança de muçulmanos sunitas não totalmente alinhados com as regras da *jihad*. Para superar a crescente insatisfação dentro da área de operações, uma segunda e simultânea frente contra os xiitas foi a solução implementada pela AQI. O resultado, entretanto, foi que a iniciativa expôs o povo sunita comum à resposta xiita para a qual os *jihadistas* não estavam preparados para conter (FISHMAN, 2016, p. 82-83). Os ataques contra os xiitas, portanto, tiveram o efeito contrário ao de atrair o apoio incondicional dos sunitas à AQI.

Os episódios acima mencionados refletem a obsessão de Zarqawi com seu plano de curto prazo: a criação do Estado Islâmico no Iraque (EI). Trazendo a teoria da guerra prolongada maoísta novamente à discussão, esta é claramente uma questão da terceira fase da estratégia, que só seria viável depois de um prolongado impasse estratégico durante a fase 2. Um Estado não pode simplesmente ser proclamado se uma base sólida – no caso do EI, apoio clerical além de força militar regular – não houver sido construída anteriormente.

Sem cuidado com as diretrizes de Bin Laden (MENDELSON, 2016), e provavelmente sem conhecimento de Mao, Zarqawi antecipou a fase 3 sem ficar mais forte do que o inimigo durante a fase 2. Isto significa que a aceleração dos planos no Iraque trouxe a fase contraofensiva antes que o equilíbrio estratégico tivesse sido alcançado. Na verdade, a fase 2 mal fora lançada. A análise dos escritos de Mao nos lembra de que é durante este período de impasse estratégico que uma insurgência teria tempo e espaço suficientes para fundir suas guerrilhas e o resto do povo em um exército regular. Além disso, alcançaria o objetivo de forjar sua base

de apoio e construir sua própria trindade *Clausewitziana* – usando o ódio do povo para alistá-lo em um exército regular; e usando a liderança clerical favorável como a base de um futuro governo teocrático (analogia com CLAUSEWITZ, 1989, p. 89).

Finalmente, devemos considerar que as prescrições de Mao para a construção de um estado foram baseadas em uma forte ideologia unificadora. Entretanto, o microuniverso do Iraque, com seus diferentes povos – árabes e curdos, entre outros vários – e confissões concorrentes do Islã – sunitas e xiitas –, traz um desafio difícil, talvez impossível, na construção de uma ideologia sólida e amalgamadora. Isto se torna especialmente verdadeiro quando falta o apoio clerical até mesmo dos “padres” sunitas. A “estratégia cumulativa”⁶ de Zarqawi, implementada por um “exército” que, em realidade, era uma mistura de diferentes *jihadis* e militares iraquianos banidos – todos com objetivos e cadeias logísticas diferentes e níveis distintos de treinamento – já era um problema. Somando-se a isso a fraca preparação ideológica do campo de batalha, a queda do EI se tornou inevitável. Por fim, Zarqawi “não conseguiu assegurar que a contraofensiva estratégica não colapsasse no meio do caminho, em virtude de dissensões internas” (ZEDONG, 1967, p. 58). De um modo geral, faltava coesão interna e apoio popular à AQL, que, acabou, então, combatendo vários inimigos simultâneos, apenas para alcançar seu próprio ponto culminante de vitória (ver CLAUSEWITZ, 1989, capítulo 22).

5 Reavaliação tardia e falta de transição entre as fases

Para o propósito deste artigo, reavaliação em uma guerra é examinar constantemente se as operações em andamento estão, ou não, contribuindo para alcançar objetivos militares, estratégicos e, em última instância, políticos. Avaliam-se também as respostas do oponente aos seus incentivos. É uma atividade de alta subjetividade, altamente influenciada por preconceitos e muito dependente de um sistema eficaz de C2.

De forma a permitir ações adequadas após um processo de reavaliação, Mao postulou que a guerra prolongada não precisa apresentar uma sequência linear que liga metodicamente as fases 1, 2 e 3. Ao invés disso, sua recomendação é:

Como a área é grande e diversificada, [a estratégia] não precisa avançar com a mesma velocidade em toda a região. Deve seguir um esquema de ‘avançar aqui e retroceder ali’ (ZEDONG, 1967, p. 58).

O que a teoria maoísta quer enfatizar com a passagem acima é que, uma vez iniciada uma nova fase, ações relacionadas às fases anteriores não são necessariamente descartadas. Em outras palavras, não é porque a fase 3 é caracterizada pela contraofensiva [militar] que ela apenas preconiza ataques ostensivos. Haverá áreas nas quais serão necessárias ações de banditismo, guerrilha

⁶ Entre aspas porque não se trata definitivamente da mesma estratégia descrita por J. C. Wylie (1967, p. 117-121). Wylie escreveu sobre uma estratégia cumulativa em direção a um único inimigo, ao passo que Zarqawi, ao mesmo tempo em que tinha como alvo todos os xiitas, tentou manter uma parte considerável do território iraquiano (Faluja), definiu objetivos em um país vizinho (Jordânia) e buscou realizar uma campanha informacional maciça. Isso tudo enquanto lutava contra as tropas estadunidenses e os Filhos do Iraque (SoI), apoiados pelos EUA.

ou mesmo terror –abordagens típicas da fase 1. Em algumas outras, a propaganda e as medidas defensivas serão a regra. No conjunto, este procedimento não é apenas uma acomodação aos imperativos do terreno, mas também uma espécie de engodo ante o inimigo.

Voltando ao estudo de caso, a primeira coisa a considerar é que combinar a estratégia de longo prazo de Bin Laden com o plano de ação de curto prazo de Zarqawi não era uma tarefa fácil. Assim, a criação de uma estratégia única e abrangente ocorreu com muitas lacunas. Alguns podem até argumentar que essa estratégia combinada nunca foi alcançada.

Tentar acomodar tal combinação de estratégias em 2005, quando partes significativas dos planos de ambas *jihadis* – AQ e AQI – já estavam em vigor, foi ainda mais difícil (FISHMAN, 2016, p. 44-46). Em atenção a isso, parece claro que a AQ tentou, tanto quanto possível, evitar interferências, mesmo quando sinais de insucesso no Iraque tornaram-se evidentes. Como resultado, uma reavaliação, um plano para mudar o curso das ações, do lado da AQ, não foi disponibilizado até 2010/11. Embora o discurso de Ayman al-Zawahiri (1951-), em dezembro de 2006, tenha conclamado a revolta popular (típica da fase 1) contra a Família Real Saudita, sua fala, como um todo, foi mais um endosso de como as operações estavam sendo conduzidas do que uma direção clara para a mudança de planos (AL-ZAWAHIRI, 2006). Embora a criação de um estado não fosse um objetivo de curto prazo da AQ, ela se sentiu obrigada a defender o proclamado EI. O discurso de Zawahiri foi então um apelo geral não apenas para que outros *jihadis* mantivessem a luta após a morte de Zarqawi (2006), mas também para que tanto a “academia” islâmica quanto a imprensa apoiassem o esforço da guerra. Além disso, podemos dizer que a falta de reavaliação também se deveu à percepção errada do lado daqueles que estavam apenas “observando” a guerra de um esconderijo afastado. Apoiado por um sistema C_2 pobre, a AQ pode ter sofrido uma espécie de viés de confirmação, segundo o qual a precipitação na proclamação do EI foi percebida como resultado de uma campanha bem-sucedida da AQI.

A versão pública de uma reavaliação consistente chegou muito tarde com outro discurso de Zawahiri em setembro de 2011 (AL-ZAWAHIRI, 2011). Apesar de celebrar oficialmente o aniversário de uma década do 11/9, o discurso deu o tom da AQ reconhecendo sua fraqueza e renunciando à liderança geral dos *jihadis*. Basicamente, o então líder da AQ reconheceu o sucesso da Revolução (Primavera) Árabe e pediu o retorno à fase 1, com ataques mais isolados aos estadunidenses e aliados e a reconstrução das cadeias financeira e informacional. O discurso aparentemente sintetizou uma série de trocas de cartas, inclusive de Bin Laden, no período de 2010-2011 (LAHOUD, 2012). Em todas elas, a liderança da AQ reconheceu os erros do passado, principalmente os ataques a civis muçulmanos em vez de alvos estadunidenses e reconheceu a dificuldade de Bin Laden em exercer qualquer tipo de influência sobre outros *jihadis*. Essas trocas também propuseram um novo tipo de atividade para a AQ: em vez de tentar controlar os *jihadis*, deveria desempenhar o papel de capacitador, centralizando uma estratégia de mídia sofisticada e aglutinadora e fornecendo treinamento militar e colaboração operacional.

Mesmo que essa reavaliação houvesse ocorrido antes, é improvável que teria impedido Zarqawi de trabalhar à sua própria maneira. Entretanto, a reprovação formal e tempestiva às suas ações poderia ter impedido o surgimento do Zarqawismo – um movimento de difícil controle e com repercussões ainda em curso – após sua morte. Se a estratégia de mídia houvesse sido adotada antes, cenas horríveis de execução não teriam maculado a mensagem principal da AQ e diminuído

sua liderança. Alternativamente, a AQ poderia ter enviado oportunamente outros reconhecidos combatentes para se juntarem às milícias sunitas iraquianas cujo eventual sucesso teria diminuído o papel de Zarqawi e teria controlado a ascensão de grupos opostos, como os Filhos do Iraque (SoI, da sigla em inglês Sons of Iraq), apoiados pelos EUA. O resultado é que a AQ deveria ter controlado melhor a expansão da marca e não concedido a Zarqawi uma procuração para agir a seu bel prazer. No máximo, a AQ deveria ter considerado Zarqawi como apenas mais um parceiro local operando sob supervisão próxima (em cena).

Uma reavaliação oportuna também teria mostrado a centralidade da população xiita iraquiana em uma estratégia para manter o Iraque unido contra a resposta estadunidense. A população xiita é de fato um centro de gravidade no Iraque não só porque compreende a maioria do povo iraquiano (ESTADOS UNIDOS, 2020), mas também devido à sua localização estratégica no sudeste do país, em uma área que poderia ter sido usada como parte de um corredor militar e logístico ligando-se ao Paquistão através do Irã. Se as regiões desse corredor houvessem sido moldadas para que conflitos mútuos entre xiitas e sunitas locais fossem minimizados e para que tais regiões permanecessem favoráveis à AQ durante a guerra, poderiam ter servido como uma espécie de trilha de Ho Chi Minh – da Guerra do Vietnã (1955-75). Da mesma forma que os vietnamitas aproveitaram aquele corredor geográfico, um elo físico entre o esconderijo da AQ no Paquistão e o sudeste do Iraque teria proporcionado espaço e flexibilidade para a AQ na guerra com os EUA. Teria permitido utilizar, ao mesmo tempo, todos os elementos das três fases de uma guerra prolongada, permitindo e, então, confundir em larga escala o inimigo mais forte. Sem esse espaço ampliado, a AQI executou a transição entre as fases de forma errada e novos ataques terroristas se tornaram o único meio de transmitir a mensagem de que o grupo não estava apenas jogando defensivamente. Exemplos desses ataques em Amã, Jordânia (em novembro de 2005) e em Samarra, Iraque (em fevereiro de 2006) só tiveram como alvo muçulmanos inocentes, fazendo com que a AQI “perdesse considerável simpatia do público muçulmano, [...] separando-os de suas bases populares” (LAHOUD, 2012, p. 13). Sem uma opção ofensiva confiável, a carga foi pesada para a defesa. Sem um exército de tamanho regular para levar a cabo a guerra convencional (fase 3 maoísta), a longa luta de 10 meses para manter Faluja acabou envolvendo a utilização, diretamente no campo de batalha, de clérigos e acadêmicos (FISHMAN, 2016, p. 55-58) que deveriam trabalhar nas tarefas de conquistar corações e mentes (fase 1 maoísta) e de, finalmente, forjar e apresentar novos soldados.

6 Contra-argumentos: as fases 2 e 3 da aq foram proveitosas

Ao contrário do que tem sido discutido até agora, pode-se argumentar que as fases 2 e 3 da AQ foram produtivas e que a estratégia geral ainda está em andamento podendo levar os herdeiros da AQ ao seu objetivo máximo original. Pode-se acrescentar que AQ e EI (AQI) aumentaram os custos da presença estadunidense no Oriente Médio e isso criou para os EUA um equilíbrio desfavorável em relação ao valor original do objetivo. Um objetivo tão ambicioso quanto o de um Oriente Médio moldado pelos EUA de modo a favorecer tanto o avanço de seus interesses quanto, mais importante ainda, a prevenção de novos ataques ao solo estadunidense ou a seus meios e pessoal no exterior. Assim, embora a AQ seja hoje uma instituição enfraquecida, as ações do grupo

pavimentaram o caminho pelo qual novos movimentos podem se beneficiar do “cansaço” estadunidense. O resultado disso é que o governo dos EUA vem abertamente pressionando para a retirada total de seus meios da região. E isso deve acontecer independentemente de quão distante se esteja do objetivo originalmente delineado. Em seguida a isso, uma previsão favorável aos herdeiros da AQ aponta que os governos locais provavelmente cairão, deixando toda a área pronta para a criação do Califado.

Na esteira deste contra-argumento, pode-se dizer que o Zarqawiismo sobreviveu à morte de Zarqawi porque a fase 2 da AQI e o lançamento do grupo para a fase 3 não foram antecipações erradas da sequência operacional planejada, mas sim um ato necessário para aproveitar a oportunidade aberta pelos EUA no Iraque. Seguindo essa lógica, pode-se argumentar que 2011 é um parâmetro temporal prematuro para medir a eficácia da estratégia original da AQ. Afinal, a estratégia da AQ, conforme consta do livro de Fishman (2016), previa resultados finais apenas em 2020. Os defensores do plano argumentariam que não é coincidência a situação paradoxal atual da política dos EUA; sucessivas demonstrações públicas da vontade de deixar o Iraque e o Oriente Médio como um todo em oposição à incapacidade de montar um plano razoável para o término da guerra.

Essa proposta visão de sucesso da AQ pode ser apoiada por fatos, sendo o mais relevante a expansão do escopo original do Estado Islâmico (EI) seguido da proclamação do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL – ISIS, em inglês) em 2014, ou seja, dentro do prazo proposto na estratégia consolidada no livro *Master Plan*. Um passo tão grande não poderia acontecer sem uma fase 2 bem sucedida na qual a AQI estava correta em adotar a recomendação de Sun Tzu para se atacar a estratégia do inimigo (TZU, 1963) e em eliminar a zona cinzenta que existe entre a *Sharia* e a *jihad* (STERN, 2016). No que concerne ao ataque à estratégia do inimigo (dos EUA), esta estava inicialmente baseada no envolvimento direto da Organização das Nações Unidas (ONU) no processo de pacificação do Iraque. Cômico disso, ao atacar a missão da ONU em 2003, Zarqawi certamente contribuiu para a diminuição da vontade da organização – já desconfiada das alegações dos EUA sobre a presença de armas de destruição em massa no Iraque – de operar no país. Com a retirada da ONU, outros aliados também diminuíram sua participação e apoio formal e, com o tempo, a imagem dos EUA foi corroída diante da arena internacional. A eliminação da zona cinzenta, materializada pelos ataques contra os xiitas, foi um mal necessário para aumentar a disposição sunita para participar da luta, o que tem sido demonstrado pelo crescente número de combatentes e organizações⁷ atualmente envolvidas em diferentes níveis da *jihad*.

De acordo com uma análise mais abrangente, tudo o que foi semeado por Bin Laden e Zarqawi está agora contribuindo para a dificuldade dos EUA em deixar o Iraque e o Afeganistão e, finalmente, para a iniciativa sem precedentes das conversações de paz com o Talibã. Estes eventos podem, de fato, trazer a percepção de uma estratégia eficaz acompanhada por operações bem executadas.

7 Palestra de Burak Kadercan sobre “ISIS and current conflict in the Middle East (ISIS e o conflito atual no Oriente Médio)” (US Naval War College, Newport, RI, 21 de março de 2020). O professor Kadercan afirmou que o número de combatentes cresceu de cerca de 50K em 2001 para uma estimativa aproximada de 175K no presente. Além disso, o número de organizações cresceu de pouco mais de vinte em 2001 para em torno de 65, atualmente.

7 Refutação – Não foi tão ruim para os EUA

Abordar a questão proposta sobre a eficácia da estratégia e operações da AQ é uma tarefa difícil por ser uma questão de história ainda em curso. Entretanto, mesmo o exame dos fatos após 2011 mostra que a estratégia não tem sido completamente eficaz.

Com relação ao estabelecimento do EIIL em 2014, a primeira coisa a considerar é a declaração de Fishman (2016, p. 37) de que foi “mais coincidência do que causalidade”. Não se pode negar que o EI foi uma inspiração, mas, na época da criação do EIIL, a aliança entre os Zarqawiistas (embrião do EIIL) e a AQ já havia desmoronado. Embora o EIIL não seja um fenômeno novo e isolado, seus laços com a estratégia da AQ são nebulosos. Apesar de o EIIL parecer ter sido uma experiência possível devido ao surgimento de combatentes após a propaganda de Zarqawi, tornada massiva após o uso das mídias sociais, esse experimento, no entanto, é sustentado apenas por combatentes jovens, radicais e inexperientes, não apoiados pela corrente clerical e, desse modo, seu colapso, como o do EI na última década, parece ser apenas uma questão de tempo.

Mesmo a disseminação de movimentos similares, como no Iêmen e na Somália, parece de menor importância estratégica. A percepção é que eles são apenas uma consequência temporária de estados falidos, nos quais *warlords* locais abraçaram uma ideologia convenientemente disponível. Isso explica em parte o número crescente de organizações *jihadistas* e combatentes mencionados na última seção. No entanto, é razoável afirmar que eles têm muito poucas relações entre si e, principalmente, com a ideia original dos *jihadi*. Então, estes movimentos recentes carecem de uma lógica unificadora para promover o amálgama de todos eles. O resultado é que, paradoxalmente, alguns *jihadis*, em vez de contribuir para unificar a *Ummah* em torno do projeto original do Califado, estão apenas aprofundando as fronteiras já existentes entre os estados artificialmente criados pelo imperialismo europeu. E tudo isso começou com a iniciativa da AQ de franquear a marca para superar sua fraqueza inicial de pessoal.

Quando se trata do custo da guerra comparado com o valor do objetivo, é de fato razoável inferir que o gasto estadunidense de mais de seis trilhões de dólares em 18 anos de guerra (CRAWFORD, 2019) soa como um sangramento gradual da economia sem uma clara sensação de realização. Isto, não obstante, não tem contado muito a favor da estratégia da AQ. O crescimento contínuo do PIB estadunidense durante esta década sugere que o dito “sangramento”, além de não ter atrapalhado a economia de maneira relevante, permite enfatizar o poder nacional estadunidense, capaz de sustentar um quantitativo expressivo de tropas no exterior enquanto faz sua economia crescer. Em termos de custos intangíveis, críticos poderiam apontar que, internamente, a GGT inflamou a polarização política e, na arena internacional, a guerra ainda é uma questão de queixas constantes vindas de aliados tradicionais. Além disso, a GGT pode ser atribuída como uma causa para a “distração” dos EUA, enquanto alguns de seus concorrentes têm alcançado, por meio de guerra híbrida⁸, destacados resultados militares, sem contestação relevante por parte dos EUA. Embora as últimas críticas sejam pertinentes, os EUA não experimentaram o mesmo tipo de tumulto político ou agitação civil analogamente aos anos no Vietnã. Talvez porque os *jihadistas* no Oriente Médio não conseguiram efetivamente ameaçar as tropas estadunidenses e, como resultado, não chegaram a causar

8 Rússia contra a Geórgia em 2008; contra a Ucrânia em 2014; China, no mar da China Meridional (ver STAVRIDIS, 2016).

descontentamento popular nos EUA. Paralelamente, a então enfraquecida liderança estadunidense tende a ganhar novamente predominância, uma vez que ameaças sensíveis para a OTAN e para os países do Extremo Oriente são atualmente percebidas como mais realistas.

Concordamos que, embora os EUA estejam procurando uma saída do Afeganistão e do Iraque, as conversações de paz com o Talibã não deveriam ser, à primeira vista, uma solução a se cogitar. Ainda que pareça soar como uma fraqueza estadunidense, o que isso realmente significa é o reconhecimento de que o instrumento militar não é suficiente para, sozinho, alcançar objetivos políticos. O mesmo raciocínio se aplica à retirada do Iraque. Além disso, há uma demanda urgente para que os militares estadunidenses se concentrem em outros cenários, já que os EUA estão novamente se voltando à competição estatal.

Finalmente, embora os *jihadistas* tenham crescido, como foi mostrado anteriormente, a falta de governança geral sobre todos os seus diferentes matizes transformou o que se supunha ser um embrionário movimento regional em uma luta isolada de *warlords* fundamentalistas locais. Ainda menos preocupante, recentes episódios de terrorismo têm sido, não raramente, apenas uma empreitada não concertada de lobos solitários. Com isso, o uso da força militar tem se mostrado, cada vez mais, uma resposta exagerada; um esforço global de *law enforcement*, apoiado por dados compartilhados de inteligência, parece mais adequado. Ou seja, a saída militar estadunidense está longe de ser uma derrota.

8 Conclusão

Este artigo visou responder à questão se a estratégia da AQ/MA e suas operações decorrentes foram eficazes após a guerra ter sido declarada aos EUA em 1998. Considerando que a AQ, como qualquer outra *jihad*, é mais do que só um grupo terrorista, aproveitamos seu status de quase insurgência para comparar elementos de sua estratégia com a prescrição maoísta para guerras prolongadas. Revisitamos o trabalho de Mao “Sobre a guerra prolongada” e descobrimos que sua estratégia concebida na guerra imperial contra o Japão – que invadiu seu território – foi dividida em três fases: defensiva, equilíbrio/impasse estratégico e contraofensiva. Nossa comparação apontou que a estratégia da AQ falhou porque, embora buscasse seguir a estrutura de Mao nas três fases, baseou-se em um ritmo muito acelerado que impediu que a AQ tivesse todos os elementos disponíveis para a transição de uma fase para a outra.

Na seção 2, descrevemos as fases da guerra prolongada de Mao. Vimos que a fase 1 é de menos organização e complexidade militar. De fato, as ações podem ser vistas às vezes como mero banditismo. Devido a estas características, a AQ foi capaz de conduzir esta fase de forma bastante produtiva. Durante este período, o grupo foi eficiente em discretamente levantar fundos e legitimidade. As ações do grupo foram implementadas com sucesso enquanto a AQ operava nos bastidores. Somente quando suficiente apoio clerical – e de outros *jihadis*, também – foi disponibilizado, a fátua de 1998 foi publicada, declarando guerra aos EUA. O problema para a AQ foi que o último ato de sua fase 1, precisamente o 11/9, foi realizado em uma época – e em tal magnitude – em que o grupo ainda não estava preparado militarmente para enfrentar a resposta dos estadunidenses.

Portanto, a AQ não pôde implementar, com forças próprias, a atrição defensiva que é particular à fase 2 maoísta. Para tentar superar isto, a AQ franqueou sua resposta à AQI de Zarqawi, cuja

estratégia e objetivos eram completamente diferentes dos da AQ. Dito isso, o que podemos observar é que a AQI acelerou a fase 3, sem degradar suficientemente a força e a vontade do inimigo de permanecer no campo de batalha. As ações de Zarqawi acabaram gerando o recrudescimento do apoio internacional aos EUA. Suas ações também levaram à contaminação do campo de batalha representado pelo conflito exagerado entre as populações sunitas e xiitas no Iraque.

Mesmo quando a estratégia estava se desestruturando, a AQ/MA falhou em reavaliar suas ações. Os *jihadistas* ignoraram os escritos de Mao a respeito da volatilidade da estratégia da guerra prolongada. De acordo com esta característica, não há linhas claras separando suas três fases e as ações mais relacionadas a cada uma delas devem se alternar dependendo de como o inimigo está se comportando. Uma vez a AQI tendo iniciado ações típicas da fase 3 para bancar o recém proclamado EI, o grupo simplesmente deixou de lado quaisquer outras ações relacionadas às fases anteriores (guerrilha; banditismo, emboscadas e desobediência civil, nas áreas controladas pelo inimigo; assistência social; e, principalmente, maior esforço informacional para construção e irradiação de sua narrativa). A reavaliação da AQ indicando erro na estratégia só veio em 2011, quando a liderança do grupo já estava irremediavelmente diminuída pelas ações inconsequentes da AQI e após a morte de Bin Laden. Com isso, para os propósitos deste artigo, o reconhecimento de Zawahiri de que a AQ deveria renunciar a seu protagonismo, e voltar a novamente agir nos bastidores, representou o colapso da estratégia do grupo e o ponto final de nossa análise.

Este artigo reconheceu que uma visão diferente da nossa é possível. De fato, uma interpretação de que a AQ sedimentou o caminho para outros movimentos é viável. Esta visão poderia ser reforçada pelo número crescente de combatentes *jihadistas* – organizados em diferentes *jihads* cujo número total também cresceu – em todo o Oriente Médio, e pelo reconhecimento estadunidense de que a GGT nunca alcançaria seus objetivos políticos. Embora estes contra-argumentos sejam sólidos, nossa refutação a eles se baseou no fato de que o crescimento dos números só veio com a propagação sem controle da luta armada, o que está tornando a unificação da *Ummah* ainda mais difícil do que era quando a AQ lançou sua fátua. Em paralelo, a retirada estadunidense não está necessariamente relacionada ao sucesso da AQ; o terrorismo, por enquanto, parece muito mais um problema de polícia, de *law enforcement*, do que um assunto a ser abordado pelo instrumento militar. Além disso, os EUA já não são mais a “hegemonia unipolar do mundo” e, portanto, não podem se dar ao luxo de ter sua força militar empregada em algo que fuja à recém deflagrada competição entre grandes potências.

Referências

AL-ZAWAHIRI, Ayman. **Realities of the conflict between Islam and unbelief**. Translated by Laura Mansfield. Herzliya: International Institute for Counter-Terrorism, 2006.

AL-ZAWAHIRI, Ayman. **Dawn of the imminent victory**. New York: Flashpoint Partners, 2011.

BARFIELD, Thomas. **Afghanistan: a cultural and political history**. Princeton: Princeton University Press, 2010.

BERGEN, Peter; CRUICKSHANK, Paul. Revisiting the early Al Qaeda: an updated account of its formative years. **Studies in Conflict & Terrorism**, Abingdon, v. 35, n. 1, p. 1-36, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1057610X.2012.631454?src=recsys&>. Acesso em: 11 maio 2020.

BIN LADEN, Usamah et al. Jihad against Jews and Crusaders: World Islamic Front statement. **Federation of American Scientists**, Washington, DC, Feb. 23, 1998. Disponível em: <https://fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm>. Acesso em: 4 maio 2020.

BIN LADEN, Usama. The full English transcript of bin Ladin's speech. **Aljazeera**, Doha, Nov. 1st, 2004. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/archive/2004/11/200849163336457223.html>. Acesso em: 16 maio 2020.

BYMAN, Daniel. The decision to begin talks with terrorists: lessons for policymakers. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 29, n. 5, p. 403-414, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/10576100600703996>. Acesso em: 7 set. 2020.

CLAUSEWITZ, Carl von. **On war**. Edited by Michael Howard and Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1989.

CLINTON, Hillary. America's pacific century. **Foreign Policy**, Washington, DC, Oct. 11, 2011. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2011/10/11/americas-pacific-century/>. Acesso em: 3 maio 2020.

CRAWFORD, Neta C. **United States budgetary costs and obligations of post 9/11 wars through FY2020: \$6.4 trillion**. Providence: Watson Institute for International and Public Affairs, 2019. (Costs of War). Disponível em: <https://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2019/US%20Budgetary%20Costs%20of%20Wars%20November%202019.pdf>. Acesso em: 23 maio 2020.

DASGUPTA, Sunil. Why Terrorism Fails While Insurgencies Can Sometimes Succeed. **Brookings**, Washington, DC, Jan. 4, 2002. Disponível em: <https://www.brookings.edu/opinions/why-terrorism-fails-while-insurgencies-can-sometimes-succeed/>. Acesso em: 10 out. 2020.

FISHMAN, Brian. **The master plan**: ISIS, Al Qaeda, and the jihadi strategy for final victory. New Haven: Yale University Press, 2016.

GLASCOTT, Julie Anna. The trinity and law of war. **The Strategy Bridge**, Washington, DC, Nov. 12, 2017. Disponível em: <https://thestrategybridge.org/the-bridge/2017/11/12/the-trinity-and-the-law-of-war>. Acesso em: 9 maio 2020.

GROSS, Michael. **The ethics of insurgency**: a critical guide to just guerrilla warfare. New York: Cambridge University Press, 2014.

LAHOUD, Nelly et al. **Letters from Abbottabad**: bin Laden sidelined? West Point: Combating Terrorism Center, 2012.

MENDELSON, Barak. **The al-Qaeda franchise**: the expansion of al-Qaeda and its consequences. New York: Oxford University Press, 2016.

PAINE, Sarah. **The wars for Asia, 1911-1949**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

PIKE, Douglas. **PAVN**: People's Army of Vietnam. Novato: Presidio Press, 1986.

STAVRIDIS, James. Maritime hybrid warfare is coming. **Proceedings**, Annapolis, v. 142, n. 12, 2016. Disponível em: <https://www.usni.org/magazines/proceedings/2016/december/maritime-hybrid-warfare-coming>. Acesso em: 23 maio, 2020.

STERN, Jessica. ISIS targets 'gray zone' of moderate Islam. **The Boston Globe**, Boston, Mar. 23, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2LckYGS>. Acesso em: 23 maio 2020.

TZU, Sun. **The art of war**. Translated by Samuel Griffith. Oxford: Oxford University Press, 1963.

UNITED STATES. Congress. Public Law 107-40: Sept. 18, 2001: 107th Congress. Authorization for use of military force. **United States Statutes at Large**, Washington, DC, v. 115, p. 224-225, 2001. Disponível em: <https://www.congress.gov/107/plaws/publ40/PLAW-107publ40.pdf>. Acesso em: 4 maio 2020.

UNITED STATES. National Commission on Terrorist Attacks upon the United States. **The 9/11 Commission report**: final report of the National Commission on Terrorist Attacks upon the United States. New York: Norton, 2004.

UNITED STATES. National Commission on Terrorist Attacks upon the United States. **The 9/11 Commission report**: final report of the National Commission on Terrorist Attacks upon the United States. New York: Cosimo Reports, 2010.

UNITED STATES. The White House. **National security strategy of the United States of America**. Washington, DC: The White House, 2017. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **The world factbook**. Washington, DC: Central Intelligence Agency, 2020. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/iz.html>. Acesso em: 18 maio 2020.

WYLIE, Joseph. **Military strategy**: a general theory of power control. Annapolis: Naval Press Institute, 1967.

ZEDONG, Mao. **On protracted war**. Beijing: Foreign Languages Press, 1967.